

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Mata Atlântica

Data: 20/12/87 Pg.: A 26 04

Imposto ameaça preservação de mata nativa no Paraná

Do correspondente em Londrina

Dono de uma das maiores florestas nativas do sul do Brasil, com 290 alqueires paulistas de matas virgens, o agropecuarista Olavo Godoy, 65, depois de praticamente 50 anos dedicados



à reserva florestal conhecida em todo o estado como "A Mata dos Godoy", está cansado. Cansado de brigar com caçadores, palmiteiros e, principalmente, com o Incra e o governo do Estado. E, no próximo ano, quando terá novamente que pagar o Imposto Territorial Rural (ITR) sobre a reserva, o velho Godoy admite dar "basta" no sonho de "deixar esta mata para a posteridade".

"Tudo tem um limite. Hoje sou escravo da floresta porque esse desgoverno que está aí não tem o mínimo de sensibilidade", desabafa Godoy, mostrando documentos do Incra. Até 84 ele pagou normalmente os impostos. Em 85, o ITR veio no valor de Cr\$ 11 mil (cruzeiros), saltou para Cz\$ 93 mil, em 86, e para Cz\$ 237 mil, em 87. Segundo avalia, ele chegou à "absurda situação" de ser punido por preservar, num país onde a devastação dos recursos naturais é cada vez mais alarmante. Por isto Godoy quer transformar sua "reliquia" em fundação.

Mas, irritado com a política oficial brasileira, ele avisa: "O IBC, o IBDF e outros órgãos, assim como aqueles que ficaram ricos com o chão roxo do norte, deviam se juntar e comprar a mata, deixar para a Universidade Estadual de Londrina. Eu cuidaria enquanto estivesse vivo; mas, não, eles querem que eu dê 50 anos de vida ao governo. E não estou mais em idade para dar presentes a Sarney". Godoy fica impaciente com a "falta de uma decisão sobre o futuro da mata" que já pensou até em doar para o Estado. Mudou de idéia pois "em menos de cinco anos em mãos oficiais, aqui não existiria mais palmito, animais, nada. Acaba tudo".

A mata que conseguiu passar a salvo da ação de extrativistas e caçadores, graças a uma constante vigilância (cinco homens armados, que sobem para até 15 em temporada de caça ou estiagem), é hoje um dos poucos redutos de animais nativos do Paraná. Pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina já identificaram nela mais de 190 espécies de aves. Catalogaram também 320 perobas-rosas, hoje em franca extinção no país, além de figueiras, pau-marfim, Imbiuva, cedro, arariba, jacarándá de todas as espécies, um verdadeiro reflexo do estado primário do ecossistema da região antes do desbravamento.

Para manter este "museu vivo, de mais de três mil anos", foi preciso dedicação e persistência dos irmãos Godoy —Olavo e Alvaros, falecido em

1979. Filhos de paulistas "quatrocentões", eles vieram de Campinas para o Paraná, na década de 30. Olavo, que chegou sete anos depois do irmão, tinha apenas 16 anos. Logo se encantaram com a mata e resolveram preservar parte da área. "Deixamos a reserva na parte central da fazenda —1.500 alqueires. Foi um estalo de sorte, pois sua localização foi fundamental para a preservação". Mesmo com o café e pecuária em volta da floresta, as preocupações foram uma constante. "Cansei de atirar em cachorro de caçador de veado, paca, e uma vez chegamos a amarrar um palmiteiro (em 1957) e entregá-lo à polícia", relembra Godoy.

O amor pela mata é tanto, que ele admite ter "casado com a reserva". Solteiro e sem herdeiro diretos, sua preocupação é com o destino "da viúva", como diz. "Será que as crianças do futuro irão conhecer esta reliquia?". Ele lembra que para que isto ocorra já fez sua parte: "em 63, quando queimadas comeram o Paraná, perdi uma safra inteira de café, pois todos os braços da fazenda ficaram cuidando da mata. Agora será perversidade do governo deixar só nas minhas mãos a manutenção da reserva". Godoy faz questão de esclarecer: não quer ajuda oficial do governo. Quer "sensibilidade" na hora da cobrança de imposto, pois garante que o resto, "enquanto viver", ele faz.



A floresta nativa com perto de 320 espécies catalogadas é vigiada por guardas particulares de Godoy